

ANNE JACOBS

TORMENTA *na*
VILA
DOS
TECIDOS

LIVRO 5



OS RESIDENTES DA VILA DOS TECIDOS

A família Melzer

Johann Melzer (*1852–1919), fundador da fábrica de tecidos dos Melzers

Alicia Melzer (*1858), nascida Von Maydorn, viúva de Johann Melzer

Os filhos de Johann e Alicia Melzer e suas famílias

Paul Melzer (*1888), filho de Johann e Alicia Melzer

Marie Melzer (*1896), nascida Hofgartner, esposa de Paul Melzer, filha de Jakob Burkard e Louise Hofgartner

Leopold ou Leo (*1916), filho de Paul e Marie Melzer

Dorothea ou Dodo (*1916), filha de Paul e Marie Melzer

Kurt ou Kurti (*1926), filho de Paul e Marie Melzer

Elisabeth ou Lisa Winkler (*1893), nascida Melzer, separada de Klaus von

Hagemann, filha de Johann e Alicia Melzer

Sebastian Winkler (*1887), segundo marido de Lisa Winkler

Johann (*1925), filho de Lisa e Sebastian Winkler

Hanno (*1927), filho de Lisa e Sebastian Winkler

Charlotte (*1929), filha de Lisa e Sebastian Winkler

Katharina ou Kitty Scherer (*1895), nascida Melzer, viúva de Alfons

Bräuer, filha de Johann e Alicia Melzer

Alfons Bräuer (*1886–1917), primeiro marido de Kitty Scherer

Henni (*1916), filha de Kitty Scherer e Alfons Bräuer

Robert Scherer (*1888), segundo marido de Kitty Scherer

Outros parentes

Gertrude Bräuer (*1869), viúva de Edgar Bräuer

Tilly von Klippstein (*1896), nascida Bräuer, filha de Edgar e Gertrude Bräuer

Ernst von Klippstein (*1891), ex-marido de Tilly von Klippstein

Elvira von Maydorn (*1860), cunhada de Alicia Melzer, viúva de Rudolf von Maydorn

Os empregados da Vila dos Tecidos

Fanny Brunnenmayer (*1863), cozinheira

Else Bogner (*1873), criada

Maria Jordan (*1873–1925), camareira

Hanna Weber (*1905), assistente de criadagem

Humbert Sedlmayer (*1896), criado

Gertie Koch (*1902), camareira

Christian Torberg (*1916), jardineiro

Gustav Bliefert (*1889–1930), jardineiro

Auguste Bliefert (*1893), antiga criada

Liesel Bliefert (*1913), ajudante de cozinha, filha de Auguste Bliefert

Maxl (*1914), filho de Gustav e Auguste Bliefert

Hansl (*1922), filho de Gustav e Auguste Bliefert

Fritz (*1926), filho de Gustav e Auguste Bliefert

I

Augsburgo, maio de 1935

Passava um pouco das dez da manhã. Depois de arrumarem os quartos dos patrões, limparem os banheiros e organizarem tudo para o almoço, os empregados tinham agora um tempinho para tomar um café com leite e fazer um lanchinho na cozinha – afinal, já estavam de pé e trabalhando desde as cinco e meia.

– O postaleiro finalmente está chegando de bicicleta – disse Auguste, parada junto à janela da cozinha, olhando para a alameda da Vila dos Tecidos.

– E continua deixando a Vila dos Tecidos no final da fila. Os patrões só vão conseguir ler a correspondência ao meio-dia! – grunhiu a Sra. Brunnenmayer.

– É hoje que eu pergunto se o que ele está distribuindo é a correspondência do Império ou das lesmas e dos bichos-preguiça – disse Humbert.

Hanna, prestes a colocar a cesta com os pãezinhos que tinham sobrado do café dos patrões em cima da mesa comprida da cozinha, deteve-se, apavorada.

– Cuidado, Humbert – alertou ela. – Nem brinque com isso, dizem que ele já fez denúncias contra outras pessoas.

O carteiro velhinho e simpático anterior se aposentara havia seis meses, fato que era constantemente lamentado pelos residentes da Vila dos Tecidos. Seu sucessor não podia ser mais diferente. Era jovem (ainda não tinha nem trinta anos), magro como um galgo, pálido e rabugento. E ainda por cima era um fervoroso membro do partido: um nacional-socialista de carteirinha, como fazia questão de alardear. Provavelmente fora por essa razão que havia conseguido o emprego no serviço postal do Império Alemão.

– Antigamente nunca teriam contratado um imbecil desses! – disse a

Sra. Brunnenmayer. – Três vezes por semana ele nos traz cartas endereçadas para outras pessoas, e sabe-se Deus onde algumas das nossas estão indo parar!

Entretanto, o mais irritante no “postaleiro”, como eles o haviam apelidado, era a ostensiva saudação nazista que fazia. Toda vez que entrava de bicicleta no pátio da Vila dos Tecidos, erguia o braço direito e berrava um “Heil Hitler!” tão vigoroso que podia ser ouvido lá da Haagstraße. E, se aquela saudação que o Estado impunha não fosse devidamente respondida, ele se tornava desagradável.

Dois dias antes, quando Hanna lhe respondera com um simpático “Deus te abençoe”, ele a ameaçara, dizendo que os católicos obstinados também seriam colocados na linha em breve. O que era ridículo, é claro, mas acabou impactando a temerosa Hanna.

– Ele já está quase no pátio – informou Auguste.

Hanna ajeitou seu avental e apressou-se para ir abrir a porta, mas Humbert segurou-a pelo braço.

– Você, não! – disse ele com firmeza. – Pode deixar que vou recebê-lo com as devidas honras.

– Por favor, não, Humbert – pediu ela. – Não vale a pena se meter com gente assim.

– Então eu vou – disse Liesel, cobrindo o bule com uma capa acolchoada para o café não esfriar.

Mas a Sra. Brunnenmayer não gostou nada daquilo, pois Liesel era sua protegida querida, além de praticamente sua sucessora.

– De jeito nenhum, Liesel! – ordenou ela. – Seu cargo é de cozinheira, não de criada.

Auguste revirou os olhos ao perceber que sobraria para ela. Ela voltara a trabalhar na Vila dos Tecidos fazia quase dois anos, desde que Gertie se demitira e nenhuma das duas sucessoras havia sido do agrado da Sra. Elisabeth. Auguste estava orgulhosa, feliz com aquela providência divina e firmemente decidida a manter aquele emprego até o fim da vida.

– Já estou indo – disse ela. – Ele não poderá fazer nada comigo. Direi “Heil Hitler” amigavelmente, e se ele falar que devo levantar o braço direito, direi que estou com uma artrose terrível que me impede até de coçar o nariz.

E saiu a tempo de encontrar o carteiro entrando no pátio e tocando a

campanha da bicicleta de forma insistente. Carrancudo, Humbert ficou parado à janela do lado de Hanna para observar a cena e Liesel se juntou a eles; só a Sra. Brunnenmayer continuou sentada, por causa do persistente inchaço nas pernas e da dificuldade em ficar em pé.

– Ele já está levantando o braço – disse Liesel. – E nem desceu da bicicleta ainda...

– Meu Deus! – gritou Hanna. – Isso não vai acabar bem!

– Não acredito! – exclamou Humbert. – Agora ele entortou o guidão. Bem-feito! Caiu no canteiro. E ainda bateu a cabeça com tudo na borda!

– Olha as cartas todas espalhadas pelo pátio! – exclamou Hanna, levando a mão à boca em estado de choque.

A Sra. Brunnenmayer não aguentou mais ficar perdendo a cena e foi correndo até a janela apesar de suas pernas doloridas. De fato, o “postaleiro” estava sentado ao lado da bicicleta caída, segurando a cabeça com as mãos. Os dois sacos de correspondências que ficavam presos acima da roda traseira haviam se rasgado na queda, fazendo com que parte de seu conteúdo caísse.

– Meu Deus! – exclamou Auguste. – Espero que o senhor não tenha se machucado!

O carteiro não se dignou a responder e procurou um pano no bolso do casaco para limpar o sangue que escorria do nariz. Enquanto isso, Auguste descera as escadas da entrada para amparar o ferido.

– Bem que eu imaginei que isso fosse acontecer – disse ela, inclinada sobre a bicicleta. – Com uma bicicleta tão carregada, a pessoa precisa ficar com as duas mãos no guidom, senão pode facilmente perder o equilíbrio. O senhor precisa descer primeiro e fincar bem os dois pés no chão antes de fazer a saudação...

– Não teve nada a ver com isso! – grunhiu o rapaz acidentado com o lenço na mão. – Tinha alguma coisa no meio do caminho. Eu escorreguei!

– Bom, não estou vendo nada no meio do caminho – respondeu Auguste. – Espere, vou ajudar o senhor a recolher as cartas...

– Tire as mãos das correspondências – ralhou o ferido, levantando-se com esforço. – Elas estão sujeitas ao sigilo postal. Traga-me um lenço úmido.

Auguste continuou fingindo estar profundamente abalada e mostrou-se solidária.

– Para o seu nariz, não é? Meu Deus, como está inchado. Imagine só se estiver quebrado! O senhor vai ficar com um calombo no meio do rosto...

– Traga um lenço úmido! – insistiu o homem.

Então levantou o próprio lenço que segurava sobre o rosto para apalpar o nariz. Realmente estava inchado.

Na cozinha, todos foram tomados por pura satisfação maliciosa pela má-sorte do rapaz. Finalmente, Hanna compadeceu-se, pegou um pano limpo de cozinha e segurou-o debaixo da torneira.

– Um pano de chão daria para o gasto – observou Humbert.

– Meu Deus, você sabe ser maldoso! – afirmou ela, censurando-o, e saiu às pressas para levar o pano para Auguste.

Depois eles ficaram observando pela janela o “postaleiro” limpar o rosto, apalpar o nariz várias vezes e depois levantar a bicicleta, que ficou com o para-lama dianteiro torto. Infelizmente ele a levou até a parede da casa para apoiá-la, de forma que eles não conseguiam mais vê-lo pela janela da cozinha – só o pano molhado, que o homem jogara aos pés de Auguste, continuava no campo de visão deles. Depois ele recolheu as cartas, segurando-as debaixo do braço, e as enfiou de volta nas bolsas dos correios.

– E as correspondências da Vila dos Tecidos? – perguntou Auguste de forma destemida.

– A senhora não pode esperar?

– Só estou perguntando...

– Isto não vai ficar assim – afirmou ele em tom de ameaça. – Escreva o que lhe digo. Foi uma armadilha preparada para mim. Tinha algo no meio do caminho!

– Não vi nada e posso ser testemunha para qualquer efeito. Muito obrigada pelas correspondências. Não é lá muita coisa, será que o senhor não esqueceu alguma?

– Isto não vai ficar assim... – afirmou o furioso carteiro mais uma vez.

– Sim, sem dúvida – tagarelou Auguste com naturalidade, dirigindo-se para as escadas da entrada com as cartas na mão. – Então tudo certo, e o senhor tome mais cuidado no futuro. Ah, e “Heil Hitler” atrasado...

– Aí ela foi longe demais – comentou a Sra. Brunnenmayer à janela da cozinha, virando-se para se sentar novamente enquanto soltava um gemido.

– Ele já está indo embora – informou Liesel. – Como pedala rápido! Está borbulhando de tanto ódio.

– Espero que isso não nos cause nenhum problema – disse Hanna com um suspiro. – Se os patrões forem denunciados por nossa causa...

– Ah, sua medrosa! – exclamou Humbert, colocando o braço ao redor de seus ombros para acalmá-la. – Vamos tomar café, senão ele vai esfriar.

Auguste voltou à cozinha com uma expressão de satisfação.

– É a vida – disse ela, com um sorriso malicioso. – Quem anda com o nariz empinado acaba se esborrachando. Falei para Christian ir logo varrer o pátio.

Depois correu para a pia para lavar as mãos e sentou-se em seu lugar. Os outros também foram até a mesa do café da manhã. Agora o tempo havia ficado curto: a cozinheira precisava cuidar do almoço, Humbert tinha que pôr a mesa na sala de jantar e Auguste também teria tarefas a cumprir assim que Johann, Hanno e Charlotte chegassem da escola, em breve.

– Por que Christian tem que varrer o pátio? – perguntou a Sra. Brunnenmayer.

Auguste já estava comendo um pãozinho com manteiga, que ela mergulhara em seu café com leite.

– Porque está cheio de cascalho.

– Cascalho?

– Ai, meu Deus – disse Liesel, apavorada. – Christian queria encher os dois buracos na alameda hoje de manhã. Um pouco do cascalho deve ter caído do carrinho...

– Então o postaleiro... – gaguejou Hanna. – Então o coitado realmente escorregou no cascalho...

Humbert colocou a xícara em cima da mesa, quase engasgando de tanto rir.

– Christian é mesmo um malandro – comentou ele, rindo. – Sempre quietinho e com ar inofensivo, mas é um baita de um espertalhão!

– Mas ele não fez de propósito! – exclamou Liesel com consternação. – Meu Christian jamais faria algo assim!

Humbert acenou descartando o comentário e alcançou um pedaço de presunto defumado para colocar no pão cortado.

A Sra. Brunnenmayer fitou o relógio da cozinha, depois olhou à volta como se procurasse alguém.

– Mas onde Else se meteu?

Realmente, Else não aparecera para o segundo café da manhã. E a agitação fora tamanha que não haviam percebido nada, até mesmo porque Else geralmente só ficava dormindo à mesa e precisava ser acordada para a refeição. Estava ficando velha, quase nem conseguia mais arrumar um quarto e havia muito tempo não ajudava mais a bater os tapetes. Mas nenhum empregado era mandado embora por motivo de idade na Vila dos Tecidos. Else pertencia à casa, fazia o trabalho do jeito que ainda conseguia, ficava sentada com os outros na cozinha e continuava morando em seu quarto no andar de cima como sempre.

– Hoje de manhã ela estava aqui – disse Humbert.

– É verdade. E subimos juntas até o primeiro andar – informou Auguste.

– Ela foi para os quartos dos patrões para fazer as camas, e eu fui ao anexo para aprontar as crianças para a escola.

Hanna arrumara o salão vermelho e o jardim de inverno, onde os patrões haviam jantado no dia anterior. O salão dos cavalheiros não era usado havia dias. Nos quartos dos “jovens patrões” – Dorothea e Leopold – só era necessário tirar um pouco o pó, pois eles não estavam sendo usados naquele momento. Leo havia concluído o ensino médio no ano anterior e estava estudando música e teoria da composição em Munique. Sua irmã Dodo, para o horror de sua mãe, abandonara a escola logo antes do exame de conclusão para fazer um curso de aviação em Staaken, perto de Berlim. Quem arcara com o elevado valor da formação fora tia Elvira, que àquela altura estava maravilhosamente adaptada à Vila dos Tecidos e se entusiasmava com as ambições de Dodo.

– Vou dar uma olhada lá – disse Hanna, terminando sua bebida às pressas. – Provavelmente Else acabou pegando no sono em algum lugar.

– Como é que ela não consegue se controlar? – esbravejou a Sra. Brunnenmayer. – É uns oito anos mais nova que eu, mas parece uma velha caquética!

A cozinheira de longa data da Vila dos Tecidos já estava com 72 anos, mas continuava comandando a cozinha com mãos de ferro, além de supervisionar sua “sucessora” Liesel no trabalho e colocar a mão na massa sempre que julgava necessário. Só suas pernas eram motivo de preocupação. Seus joelhos estavam sempre muito inchados e doloridos, e seus pés também não queriam mais desempenhar seu trabalho direito, razão pela qual, àquela altura, ela só conseguia caminhar com largas pantufas de feltro.

– É o que acontece quando passamos cinquenta anos em frente ao fogão – comentou ela, rabugenta.

A campainha do terraço tocou: era para Auguste, que se levantou com um arquejo. A Sra. Elisabeth estava sentada com o marido ao sol e provavelmente desejava mais uma jarra de limonada e biscoitos. Quando a criada já estava na porta do átrio, Hanna apareceu no corredor de serviço, conduzindo Else, que estava completamente perturbada, pela mão.

– Aí está você, Else! – exclamou Auguste. – Onde se escondeu? Sentimos sua falta.

Else soluçava e secava as lágrimas com o dorso da mão.

– Por que tenho que passar por isso agora, já no fim da vida...? – dizia ela aos prantos. – Peço, por favor, que ninguém conte isso ao patrão. Ficarei morta de vergonha para todo o sempre...

– Primeiro beba um café com leite, Else – disse Hanna, tranquilizando-a. – Ninguém percebeu nada, eu encontrei você a tempo.

Auguste lamentou por não ter tempo para mais perguntas; ela precisava se apressar pois a Sra. Elisabeth era uma pessoa impaciente. Mas na cozinha todos souberam que Else ficara tão cansada depois do árduo trabalho de fazer a cama que adormecera. Hanna a encontrara roncando serenamente no leito dos patrões.

– Agora você foi longe demais! – esbravejou a Sra. Brunnenmayer, horrorizada. – Se o patrão tivesse encontrado você lá, ficaria de cabelo em pé!

Else ficou sentada à mesa, de cabeça baixa, sendo consolada por Hanna. Bebia um café preto em grandes goles e assegurou várias vezes que algo assim nunca mais lhe aconteceria.

– Agora estou desperta – afirmou ela. – Isso foi uma mensagem de Deus para eu tomar jeito.

Christian, que estava sentado do outro lado da mesa, colocou o último pãozinho na boca enquanto bebia, pensativo, seu café com leite. Àquela altura já ficara sabendo o resultado do que aprontara e também estava com a consciência pesada.

– Exagerei um pouco na quantidade de cascalho que joguei no carrinho de mão – confessou ele. – Não queria fazer três viagens, então enchi demais o carrinho nas duas vezes. E como estava empurrando com embalo em torno do canteiro de flores, parte do carregamento caiu no pátio. Eu ia

voltar na hora para varrer tudo, mas aí vi que o garanhão tinha empurrado a cerca de novo, e eu...

– Está tudo bem, Christian – afirmou Liesel, consolando-o, em pé na frente do fogão para refogar as cebolas para o *goulash*. – Não é culpa sua se aquele estúpido não sabe andar de bicicleta.

– E se ele fizer uma denúncia? – indagou Christian, preocupado. – Sendo que já está de olho na gente. Vocês lembram? Em abril ele fez o maior alvoroço porque a gente não tinha pendurado as bandeiras com a suástica.

Eles de fato haviam se esquecido das bandeiras para o aniversário do Führer, mas depois repararam o erro. A família Melzer também tivera que se habituar ao novo governo, que, àquela altura, já controlava o país de forma implacável. Uma das razões era pela própria fábrica, que por muito pouco sobrevivera à crise econômica e não teria tido a menor chance de receber mais encomendas sem demonstrar uma clara orientação para o espírito nacional-socialista. Coisas terríveis haviam acontecido dois anos antes, quando Adolf Hitler fora eleito chanceler do Império e logo em seguida os nacional-socialistas haviam conseguido a maioria nas eleições parlamentares. Após alguns dias, a “Revolução Nacional”, como chamavam os nazistas, alcançou todos os cantos do país. Também houvera muitas prisões em Augsburg – a chamada “prisão preventiva”, que ocorria quando alguém era considerado inconveniente pelos nazistas e era levado para Katzenstadel, o presídio da corte, durante a noite ou à plena luz do dia, e, de lá, para o campo de concentração de Dachau. Essa punição afligira cidadãos prestigiosos, além de conselheiros municipais do SPD, o Partido Social-Democrata da Alemanha, e do KPD, o Partido Comunista da Alemanha, e sindicalistas, mas também simples trabalhadores. Alguns operários da fábrica de tecidos dos Melzers também tinham sido levados, e a maioria nunca fora vista novamente. Só o Sr. Winkler, que havia sido um dos primeiros a serem levados para a prisão, fora poupado do campo de concentração de Dachau graças à ajuda de bons amigos. Mas, mesmo assim, a Sra. Elisabeth só havia sido autorizada a buscar seu marido após quatro semanas de detenção na Katzenstadel.

Humbert, que havia dirigido o carro na ocasião, ainda não conseguira se recuperar completamente da visão do prisioneiro liberto.

– Ele estava puro osso – relatara o criado. – Com os cabelos raspados e vários hematomas no rosto. Bateram muito nele. Chutaram seu rosto com

botas. Qualquer criminoso é tratado com mais humanidade do que os pobres coitados que eles estão levando embora na calada da noite.

Desde então, o Sr. Winkler vivia na Vila dos Tecidos como um prisioneiro. Passava seu tempo com a família e não arriscava mais ir até a cidade. No máximo caminhava até os estábulos da tia, onde seus filhos aprendiam a cavalgar. E toda noite, contara Auguste, rabiscava em um livro qualquer “de doutor”. Não podia mais ser visto na fábrica, onde antes cuidara da contabilidade.

– É uma pena – costumava dizer a Sra. Brunnenmayer. – Ele sempre teve boas intenções com suas ideias comunistas. O Sr. Winkler é uma pessoa boa, não faria mal a uma mosca.

– Acho que devemos ficar muito felizes por ele estar novamente em nossa casa – comentou Humbert.

Depois do susto inicial, eles tomaram cuidado para se adaptar às novas circunstâncias. Não tinha jeito, a vida continuava. A situação na fábrica estava melhor – eles haviam contratado funcionários, a tecelagem estava recebendo novas encomendas e as dívidas estavam quitadas. Contudo, ainda existia a jornada de trabalho reduzida. A indústria têxtil nem de perto ia tão bem quanto outros setores em Augsburg, sobretudo a MAN, onde estavam fazendo turnos extras para dar conta da demanda. Mas os empregados da Vila dos Tecidos não eram mais atormentados pela possibilidade de terem que trabalhar para outros patrões ou até mesmo de perderem seus empregos. Em vez disso, a cozinheira ficava feliz em poder tirar novamente proveito da riqueza e mimar os patrões até cansar com todo tipo de comida. E ainda por cima agora podia passar seus dotes culinários adiante para Liesel, que já estava casada havia quatro anos com o jardineiro Christian. Até então, Liesel não dissera nada sobre aumentar a família, e a Sra. Brunnenmayer estava bastante feliz com isso, pois assim Liesel não abriria mão de seu cargo na Vila dos Tecidos. Seria uma pena se ela desistisse, já que demonstrava um enorme talento para a cozinha.

– Melhor vocês não inventarem de ter filho – dissera a cozinheira. – Vocês dois têm um bom emprego, não têm tempo sobrando para cuidar de um bebê.

Mas a verdade era que todo mundo sabia que Liesel e Christian desejavam muito ter um filho, mas a cegonha teimava em não aparecer.

Naquele dia, Christian estava com pressa para voltar ao parque para

supostamente replantar os canteiros de flores do terraço. Então, só Else, Liesel e a Sra. Brunnenmayer ficaram na cozinha. Liesel colocou a tábua de madeira com a cebolinha e uma faca diante de Else para que ela tivesse algo para fazer e não adormecesse novamente. A Sra. Brunnenmayer estava sentada à mesa fazendo bolinhos *klöße* e molhando as mãos toda hora em uma bacia com água fria para a massa não colar nos dedos. Liesel adicionava vários ingredientes ao *goulash*, cujo aroma delicioso já se espalhara por toda a cozinha.

– Não se esqueça da noz-moscada, Liesel – alertou a cozinheira. – Só uma pitadinha, mas não pode faltar. Você colocou alho demais, estou sentindo meu nariz pinicar...

– Ah, meu Deus... – disse Liesel com um suspiro. – Era o que eu temia, mas quando vi já era tarde demais.

Else picara a cebolinha direitinho, conforme instruída, e levantara-se para levar a tábua até a cozinheira, que deu uma olhada rápida e observou que ela poderia ter cortado os talos um pouco mais fininhos para a salada.

– Um carro acabou de entrar no pátio – anunciou Else.

– Deve ser o patrão – afirmou Liesel. – Chegou cedo hoje...

– Não é o carro do patrão – contestou Else. – É visita.

– Visita? – resmungou a cozinheira. – Parece até que adivinhei. Fiz alguns bolinhos a mais, e vamos precisar colocar água no *goulash*. Quem é, Else? Consegue ver pela janela?

Else foi até o vidro e avisou que uma senhora descera do carro.

– É magricela, mas está vestindo roupas caras. E também tem um motorista. Ele segurou a porta para ela e fez uma reverência como se ela fosse a rainha da Inglaterra. Agora está se virando. Sim, mas eu o conheço... aquele não é... o russo?

– Que russo? – quis saber Liesel.

Mas a Sra. Brunnenmayer entendeu na hora.

– Aquele Grigorij? Que seduziu nossa Hanna e depois ainda correu atrás de Auguste? Se for ele mesmo, então também sei quem foi que desceu do carro.

Liesel só ouvira boatos sobre aquelas histórias, por isso deu de ombros e continuou mexendo o ensopado.

– E quem é que você acha que desceu do carro? – perguntou ela por cima do ombro.

– Serafina, aquela malandra – respondeu a Sra. Brunnenmayer. – Então ela realmente contratou Grigorij como motorista depois que voltou de Maydorn.

– Serafina Grünling – afirmou Else, admirada. – Que foi governanta aqui na Vila dos Tecidos quando ainda era uma “Von Dobern”?

– A própria – resmungou a cozinheira, colocando o último *klöße* no prato de servir. – Mas ela pediu o divórcio do Dr. Grünling.

– Mas por quê? – indagou Else. – Ela não ficou rica depois que se casou com ele?

– Justamente – respondeu a Sra. Brunnenmayer. – Mas o Dr. Grünling é judeu.

– Ah, sim – disse Else, como se aquilo fosse uma explicação coerente. – E o que será que ela quer aqui na Vila dos Tecidos?

– Coisa boa é que não é! – grunhiu a Sra. Brunnenmayer, levantando-se com um gemido para jogar os *klöße* na água escaldante.

CONHEÇA OS LIVROS DE ANNE JACOBS

A Vila dos Tecidos
As filhas da Vila dos Tecidos
O legado da Vila dos Tecidos
O regresso à Vila dos Tecidos
Tormenta na Vila dos Tecidos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

